

## PRELIMINARES DE UMA PESQUISA SÔBRE A ASSIMILAÇÃO DOS TERÊNA \*

*Roberto Cardoso de Oliveira*

(Museu do Índio, Serviço de Proteção aos  
Índios, Rio de Janeiro)

Os Terêna formam o grupo índio mais numeroso do sul de Mato Grosso e uma das populações tribais mais estáveis de todo o território nacional<sup>1</sup>. Subgrupo dos Guaná ou Txané<sup>2</sup>, representam o segmento Aruák mais meridional, sendo os últimos elos entre êles e o seu núcleo de difusão constituídos pelas tribos daquele "stock" lingüístico situadas nos formadores do Rio Xingu e pelos Paresí, que vivem na altura da serra do mesmo nome, a noroeste de Cuiabá.

Em tempos remotos, os povos Guaná<sup>3</sup>, descendo para o Chaco, e obrigados ali a ajustar-se a novas condições ecológicas, desenvolveram técnicas adaptativas próprias às culturas chaquenhãs. Posteriormente, quando passaram para as margens orientais do Rio Paraguai, foram perdendo os elementos culturais chaquenhos, adaptando-se gradativamente ao cerrado mato-grossense. Nessa região, em que afinal tiveram de permanecer, os Terêna — juntamente com outros grupos Guaná, hoje extintos — estabeleceram um *modus vivendi* com a população regional que definiu a direção de sua cultura, sem que, contudo, após dois séculos de contacto, chegassem a ser assimilados.

### I — *Objetivo da pesquisa*

1. O nosso estudo visa a compreender a interação social que, de forma sistemática e contínua, vem ocorrendo entre os Terêna e a sociedade nacional, para podermos descobrir, então, os mecanismos sócio-culturais que têm influído direta ou indiretamente no processo menos geral e mais específico que aqui chamamos de assimilação.

Segundo uma idéia largamente difundida, os grupos indígenas brasileiros estariam desaparecendo face a sua incorporação à sociedade nacional, seja pelo processo biológico da miscigenação, seja pelo processo etno-social da aculturação. Foi a existência dessa noção e o estudo que Darcy Ribeiro empreendeu em âmbito nacional para sua verificação o

(\*) Trabalho apresentado, originariamente, como *Projeto de Pesquisa*, à Divisão de Antropologia e Etnologia do Museu Nacional, em julho de 1956, para efeito de financiamento da fase final de nossas investigações sôbre os índios Terêna. Agradecemos ao Dr. Luís de Castro Faria, Chefe daquela Divisão, haver autorizado a publicação do texto, que, apesar da redução e das alterações feitas, manteve sua forma programática anterior.



que nos levou a propor uma pesquisa dessa ordem, só que, agora, restrita a uma área determinada.

Em seu trabalho sobre "A Assimilação dos Índios no Brasil"<sup>4</sup>, aquele especialista retrata a situação de contacto de um número representativo de tribos com a nossa sociedade. Tendo por base suas experiências de campo, notadamente entre os Kadiwéu e os Urubus, Darcy Ribeiro procede um levantamento bibliográfico e, principalmente, um tombamento dos relatórios das Inspetorias Regionais do Serviço de Proteção aos Índios, desde sua fundação (1910), obtendo, assim, resultados altamente significativos para o esclarecimento do problema da assimilação dos grupos tribais. Verificando não registrar a história das relações entre índios e civilizados no Brasil, nenhum caso de assimilação de um grupo indígena à comunidade nacional, propõe a tese de que, enquanto persistir a atual estrutura agrária, nada indica que os indígenas passem — como grupos — a uma condição de neobrasileiros, o que vale dizer, de integrados econômica, social e psicologicamente à comunidade nacional.

Proposto assim o problema, praticamente negando uma "verdade" que parecia elementar, orientamos a nossa pesquisa por uma perspectiva até então inexistente nos trabalhos sobre aculturação de grupos tribais no Brasil. Por outro lado, a nossa qualidade de etnólogo do Serviço de Proteção aos Índios nos levou a focalizar a assimilação dos índios Terêna como problema de ordem prática, de cuja discussão pudessem resultar uma política indigenista mais eficaz naquela área.

2. Um conhecimento mais operativo do Terêna moderno — objeto de nossas investigações — que luta hoje por um lugar menos sacrificado na estrutura sócio-econômica regional, propiciará, sem dúvida, um refinamento das técnicas de assistência que lhes têm sido aplicadas um tanto empiricamente, no mais das vezes de forma bastante inadequada. O estereótipo do índio, do "bugre", como o chamam os próprios funcionários do S.P.Í., a par da incompreensão geral dos reais objetivos de uma política indigenista, têm dificultado sobremaneira a organização das comunidades Terêna de forma diferente da de uma simples "empresa" ou fazenda, devido à preocupação genérica pelo aumento de produção dos Postos Indígenas em lugar de um esforço de se proporcionar aos grupos uma estabilidade sócio-cultural.

Além disso, as conclusões de nosso estudo poderão ser úteis com referência a certos problemas que, embora concernentes a outros grupos, guardem, todavia, em relação aos que ora estamos tratando, certa simetria. Mencionemos, a título de exemplo, os grupos indígenas em regiões de fronteira em situação comparável à dos Terêna. A descrição e análise da "fronteira pastoril" que desbravou o sul de Mato Grosso e a caracterização do lugar ocupado pelo índio nessa fronteira esperamos sejam fecundas para o conhecimento do índio noutras áreas pastoris, por mais variadas que possam ser as culturas tribais nelas inseridas.



3. Finalmente, a pesquisa, embora não vise especialmente a caracterizar uma certa área regional, não deixa de para isso concorrer, de algum modo, quando considera imprescindível o levantamento da "região Terêna" em termos de uma faixa econômica móvel. Essa faixa, segmento econômico ou apenas "fronteira", é que seria o contexto em que se dariam as relações interétnicas e intertribais, cuja análise minuciosa será a parte principal da pesquisa. O levantamento dêsse contexto, virá contribuir — esperamos — para um conhecimento mais acurado da região sul de Mato Grosso.

## II — *Levantamento dos dados históricos*

Antes de seguir para o campo, para um primeiro estágio de alguns meses entre os Terêna, fizemos o levantamento da bibliografia a êles referente. Além de compulsar as fontes de interêsse etnográfico, tombamos as obras que nos permitissem reconstruir a ocupação da sociedade nacional no sul de Mato Grosso, especialmente na área em que se espalham os grupos-locais Terêna.

Tratamos de fichar tôdas as *situações de contacto* interétnico e intertribal registradas pelos cronistas dos séculos XVIII e XIX em suas andanças pela bacia do Paraguai. Êsse tratamento foi também aplicado às fontes modernas, como Kalervo Oberg e Fernando Altenfelder e, ainda, às consideradas subsidiárias como o "Oeste", de Nelson Werneck Sodré.

A crônica setecentista e oitocentista mostrou-se especialmente rica no registro das mais variadas situações de contacto ou das conseqüências mais imediatas a tais contactos. O levantamento do material setecentista nos mostra o contínuo e persistente cêrco dos grupos Guaná por parte do civilizado, principalmente por missionários jesuítas, mesmo antes de penetrarem nas terras ocidentais do Rio Paraguai. Sánchez Labrador, Felix Azara, Alexandre Rodrigues Ferreira e D. Juan Francisco Aguirre, cronistas que por lá estiveram respectivamente por volta de 1760-67, 1781, 1791 e 1793, são férteis em informações sôbre as tentativas de redução daqueles índios e de seus vizinhos chaquenhos. Os Guató, os Txamakôko e os Txikító, bem como os Payaguá e os Guaykurú, são registrados por êsses cronistas, notadamente em suas relações com os povos Guaná. Mas essas situações de contacto intertribal — como dissemos — não foram as únicas a chamar a nossa atenção. O contacto entre "civilizados"<sup>6</sup> e índios, intensificado no século XIX, pela descida de criadores de gado em busca de melhores pastagens para seus rebanhos, mereceu uma análise sistemática na medida em que nos poderia proporcionar uma visão dinâmica das fronteiras de expansão da sociedade brasileira e dos problemas emergentes daquele processo de desbravamento.

Essa forma de ocupação das regiões meridionais de Mato Grosso pela nossa sociedade e suas conseqüências sócio-culturais acham-se far-



tamente documentadas na bibliografia do século passado. Pareceres, roteiros e discursos firmados por Ricardo Franco de Almeida Serra, Hércules Florence, Luís D'Alincourt, J. A. Elliot, Leverger, Joaquim Francisco Lopes, Joaquim Alves Ferreira, Ewerton Quadros e J. Bach, bem como por cientistas e escritores como Castelnau e o Visconde de Taunay, cobrem aquêlê período, fornecendo-nos informações sôbre os anos de 1803, 1825-29, 1844, 1846-49, 1863-64, 1889 e 1896. Pelo exame da cronologia do século XIX, vê-se que apenas as décadas de 30, 50 e 70 deixaram de ser historiadas.

Para êste século, além dos trabalhos de etnólogos como Baldus, Oberg e Altenfelder, que, respectivamente, estudaram alguns aspectos da cultura Terêna<sup>7</sup>, as relações Kadiweu-Terêna na base da reconstrução de suas culturas tradicionais<sup>8</sup> e a mudança cultural dos Terêna do Pôsto Indígena Taunay<sup>9</sup>, tivemos nos Relatórios do Serviço de Proteção aos Índios a fonte principal para a reconstrução daquelas situações de contacto dos grupos tribais entre si e dêles com os segmentos regionais da sociedade brasileira. E diga-se de passagem que êsses Relatórios, mais do que simples repositórios de dados sôbre o grupo em aprêço, constituíram-se em fontes de dimensão nacional (sôbre situações de contacto por todo o território brasileiro) — o que nos permitiu obter uma visão ampla do problema da assimilação e uma perspectiva de análise comparativa bastante fecunda para o seu estudo.

### III — *A pesquisa de campo*

O trabalho de campo representou a fase principal de nossas investigações. Contudo, os mesmos procedimentos que se recomendam a uma investigação empírico-indutiva (e que não foram abandonados na reconstrução histórica) e a mesma atitude diante do objeto cognoscível foram adotados quando de nossa estada nas comunidades Terêna. A pesquisa de campo em continuação à exploração das fontes primárias e secundárias, veio, de um lado, completar o trabalho de reconstrução histórica (pelas técnicas de entrevistas e de histórias-de-vida), permitindo, de outro, o registro dos liames funcionais e causais emergentes do contacto interétnico e intertribal. Na primeira fase preponderou uma perspectiva diacrônica na interpretação etnológica dos fatos; na segunda, detivemo-nos mais na análise sincrônica e em profundidade.

#### 1. *Primeira estada no campo*

Permanecemos em campo de meados de julho de 1955 aos primeiros dias de novembro do mesmo ano. Dos quatro meses e meio que permanecemos entre os índios Terêna, cêrca de quarenta dias dedicamos à visita das onze aldeias dêsses indígenas, visando escolher, através de uma "survey", uma comunidade representativa. Como não houvesse tempo para um "survey" de maiores pretensões, limitamo-nos ao registro dos



episódios mais significativos da história de cada grupo-local (com auxílio dos informantes mais idosos da comunidade) e de tudo o que fôsse passível de quantificação. Pudemos verificar a variação na distribuição dos grupos-locais, quer pela diferença estrutural das comunidades (preponderância de tipos de economia, situação regional), quer por suas distintas configurações culturais (situação intertribal, grau de aculturação).

a) *As comunidades visitadas*

Os Terêna acham-se distribuídos em onze comunidades<sup>10</sup>, que se distinguem quanto às situações de contacto com outros grupos indígenas (Guaykurú ou Guaraní) ou com núcleos neobrasileiros que agem sôbre elas como fatores de mudança sócio-cultural. Situadas nos municípios de Miranda, Aquidauana, Nioac, Campo Grande e Dourados, ocupam essas aldeias uma área bastante grande, como se verifica pelo mapa anexo.

Município de Miranda: Aldeia *Cachoeirinha* (Pôsto Indígena Cachoeirinha), a 20 km da pequena e antiga cidade de Miranda, com seus 834 habitantes, aldeias *Passarinho* e *Moreira*, respectivamente com 109 e 130 habitantes, situadas na zona suburbana de Miranda e, administrativamente, supervisionadas pelo P. I. Cachoeirinha; aldeia *União* próxima a Moreira e a uns 6 km ao sul da povoação de Duque Estrada (Estação da Noroeste do Brasil), com cêrca de 10 famílias Terêna protestantes, que vivem em terras por elas mesmas adquiridas quando do rompimento de seu falecido líder, Marcolino Wolily, com o encarregado do P. I. Taunay, em 1946; finalmente, a aldeia de *Lalima* (P. I. Lalima), a 50 km ao sul de Miranda (na margem direita do rio do mesmo nome), com 256 habitantes.

Município de Aquidauana: Aldeia *Bananal* (P. I. Taunay), com 617 habitantes, afastada sômente 4 km da povoação Taunay (Estação da NOB), e aldeia *Ipegue* (sob a jurisdição do P. I. Taunay), a 4 km de Bananal, com 443 habitantes: a terceira aldeia dêste município, *Limão Verde*, com seus 246 moradores, apresenta-se em situação singular, porquanto suas terras são consideradas devolutas e até agora o S. P. I. não conseguiu instalar ali um Pôsto Indígena para cuidar das relações entre índios e civilizados (mestiços e paraguaios), que não raro se transformam em conflito; fica a poucos quilômetros da cidade de Aquidauana.

Município de Nioac: Aldeia *Brejão* (P. I. Capitão Vitorino), com 195 habitantes, a 20 km a leste da cidade de Nioac.

Município de Campo Grande: Aldeia *Buriti* (P. I. Buriti), distante 27 km da vila de Sidrolândia, que, por sua vez, fica a 82 km da cidade de Campo Grande. Tem 483 indivíduos.

Município de Dourados: Aldeia e Pôsto Indígena *Francisco Horta*, de índios Guaraní, a 6 km da cidade de Dourados. Vivem ali umas 30 famílias Terêna, em sua quase totalidade protestantes.



b) *Escolha de uma comunidade representativa*

Como unidade de investigação impunha-se escolher uma comunidade bem representativa da cultura Terêna, notadamente por sua homogeneidade étnica e pela estabilidade de sua organização social.

As aldeias Lalima e Francisco Horta, depois de submetidas ao "survey" foram desde logo postas de lado, a primeira por não ser constituída só de índios Terêna, mas também por remanescentes Guaykurú e por um número considerável de mestiços; e a segunda, Francisco Horta, por ser uma aldeia Guaraní (Kaiwá), com apenas uma minoria Terêna. Bananal e Ipegue foram, por sua vez, abandonadas em razão de sua posição singular na conjuntura indígena regional: Bananal, onde a maioria dos índios é protestante, mantém-se em estado de tensão com Ipegue, que, por sua vez, se considera católica. Separadas por apenas 4 km, as duas comunidades vivem em estreitas relações não só entre si, como, ainda, com a povoação neobrasileira de Taunay, que age sobre elas como agência de mudança cultural; a primeira, além de já haver sido descrita por Altenfelder, tinha o inconveniente da divisão político-religiosa, criando quase que duas comunidades numa só aldeia; sobre a segunda, Ipegue, uma das mais antigas comunidades Terêna, poderia ter recaído a escolha como a de aldeia "típica", não nos houvesse Cachoeirinha proporcionado melhores condições para o desenvolvimento da pesquisa.

A aldeia de Limão Verde, embora antiga, não dispõe ainda de Posto Indígena, nem de documentos legais de posse de suas terras; acresce que — a exemplo de Bananal — é formada de "católicos" e "protestantes" em permanente estado de tensão, notando-se, ainda, a presença de numeroso contingente de civilizados que pretendem usurpar as terras há séculos habitadas pelos índios. Tanto essa aldeia como Bananal se prestariam antes para um estudo de conflitos político-religiosos ou, mesmo, de problemas de desorganização social.

Passarinho e Moreira (ou Mureira) são duas aldeias contíguas, sendo a primeira "católica" e a segunda "protestante"; a situação de comunidades suburbanas da cidade de Miranda contribui para o aumento dos conflitos intratribais e interétnicos, agravados pela presença de um representante do S. P. I. (felizmente já exonerado) que somava à sua autoridade federal o cargo de "delegado de quarteirão" (*sic*) da cidade de Miranda e a rendosa situação de proprietário de um "bolicho" (pequena casa de comércio) bem na estrada de Passarinho. Ambas as comunidades, contudo, mantêm apreciável coesão social e um grau de etnocentrismo surpreendente em aldeias que são quase bairros de uma cidade.

Já União (que confina com Moreira) aparece como a aldeia Terêna menos representativa. Fruto de um conflito entre seu fundador e o encarregado do P. I. Taunay — a que já nos referimos —, se afigura co-



mo comunidade "messiânica": os seus líderes (principalmente o filho de Marcolino Wolily) se empenham na propaganda do credo evangélico, realizando-a não só entre os Terêna, como também junto à população neobrasileira; a aldeia caracteriza-se como "missão religiosa" inteiramente indígena, com uma escola de primeiras letras (até quarto ano primário) servindo igualmente a filhos de índios e de sitiantes!

Finalmente temos as aldeias de Brejão e de Buriti. Esta, talvez de fundação mais recente, se compõe de três aglomerados (Buriti, Córrego-do-Meio e Água Azul); um dêles (Água Azul) é formado por protestantes, o outro (Córrego-do-meio) está em processo de adoção ao credo evangélico, ao passo que o último, mais numeroso, continua apegado às tradições tribais, embora considerando-se "católico". Brejão ou Capitão Vitorino é aldeia de formação recente (1904); surgiu com a dissolução de uma aldeia (Laranjal) não muito distante da atual e com a vinda de famílias Terêna até então espalhadas pelas fazendas do alto da Serra de Maracajú; é uma comunidade bastante estável, com relativa homogeneidade étnica (presença de bem poucos civilizados), mas com grande propensão para o uso da língua portuguesa e o abandono dos costumes tradicionais.

Cachoeirinha foi a aldeia que se impôs. Situada a três léguas e meia da cidade de Miranda e a 8 km da povoação Duque Estrada, na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, é uma comunidade Terêna das mais conservadoras (talvez sômente Ipegue a ela se compare). Doutro lado, os seus 834 habitantes fazem dela a aldeia mais populosa da área Terêna e, ao que tudo indica, êste número aumentará, quer pelo bom índice de nascimentos, quer pela vinda de famílias índias de outras aldeias (principalmente de Lalima e de Bananal). Estável politicamente (um dos poucos grupos com um "capitão" ou chefe de real prestígio, sendo boas as relações entre seus líderes e o encarregado do Pôsto Indígena), Cachoeirinha — como as demais comunidades Terêna — acha-se voltada para o exterior, procurando suprir as suas necessidades no mercado regional de trabalho e investindo seus parcos ganhos em "núcleos civilizados", como Miranda e Duque Estrada. A diferença é que nas demais aldeias essa dependência econômica leva a um grau mais elevado de desorganização social. Aliás, as relações simbióticas entre um grupo tribal e outro neobrasileiro, bastante esclarecedoras do processo de assimilação, podem ser estudadas na área em aprêço, tomando-se Cachoeirinha, de um lado, e, de outro, Duque Estrada ou mesmo Miranda. E' provável que Cachoeirinha tenha sido centro de dispersão dos Terêna; está situada na região em que primeiro se estabeleceram as tribos Guaná após a travessia do Rio Paraguai. Notamos em Cachoeirinha inúmeros traços culturais já desaparecidos na maior parte das outras aldeias, tais como os jogos tradicionais, como o "Bate-Pau" e o "Cavalinho", e o trabalho em cerâmica,



que, para algumas famílias, constitui importante fonte de renda. Finalmente, o grupo se distingue por uma homogeneidade tanto religiosa (apenas uma família protestante vinda de Bananal e um casal Terêna-Kaiwá, ex-estudantes da Missão Protestante de Dourados) como étnica (uma família Kinikináu, três Layána, um paraguaio amasiado com uma mestiça, um negro com uma Terêna e um Txamakôko com uma negra, sendo este último casal recém-chegado das terras dos Kadiwéu).

Vale acentuar que, embora as características apontadas se distribuam de forma variável também pelas outras dez comunidades, somente em Cachoeirinha se acham tôdas elas presentes, distinguindo-a como a mais próxima da “antiga aldeia” Terêna, embora em estado de transição.

## 2. *Necessidade de retôrno ao campo*

A volta a Cachoeirinha representará a última fase da pesquisa. O seu objetivo principal será o estudo da interação social entre civilizados e Terêna. Ter-se-á o registro dos processos interativos por meio de técnicas sociográficas aplicadas na comunidade tribal como na povoação de Duque Estrada e, se possível, na população escolar de Miranda. Através de entrevistas, histórias de vida e talvez de questionários definir-se-ão estereótipos e atitudes, com vistas à melhor compreensão do “preconceito racial”.

A Estação de Duque Estrada nasceu da doação, em 1937, de uma faixa de terra à Estrada de Ferro Noroeste do Brasil por um antigo trabalhador da Estrada, transformado, no correr dos anos, em grande fazendeiro, dono de ponderável rebanho e de muitas casas em Duque Estrada e Miranda. O trecho da ferrovia e a estação foram concluídos em 1938. Hoje, conta a comunidade com aproximadamente cinquenta casas e com uma população constituída, em sua maior parte, de ex-funcionários da NOB, comerciantes e pequenos sitiantes, vivendo em estreito contacto com Miranda, a uns 10 km de distância e com grande facilidade de transporte, pela existência de um trem diário.

As relações dessa comunidade neobrasileira com a aldeia de Cachoeirinha se caracterizam pelo uso da Estrada de Ferro e, conseqüentemente, da estação, por ser a que fica mais próxima, cêrca de 8 km. Afora os sábados, quando chegam os índios de sítios distantes onde trabalham, regressando na segunda-feira, Duque Estrada tem um movimento comercial diminuto, limitando-se a vender a Cachoeirinha pão, gordura, aguardente, uns poucos quilos de macarrão e menos ainda de carne. As “compras grandes” — como dizem os índios — são feitas de preferência em Miranda, “porque lá se compra mais barato”. Entretanto o contacto com Duque Estrada é contínuo e sistemático. A proximidade da aldeia cria um sentimento de vizinhança bastante forte entre os habitantes da povoação, sentimento êsse que ultrapassa as relações meramen-



te comerciais e se exprime na participação conjunta numa série de atividades principalmente recreativas.

Contudo, vetores muito mais ponderáveis e básicamente divergentes, como as relações de produção, determinam tensões interétnicas e propiciam a manutenção de “forte” preconceito racial e de certa discriminação. Em última análise, o que há é uma acomodação simbiótica entre Duque Estrada e Cachoeirinha: a mão de obra indígena é o motor principal do desenvolvimento econômico da região e os sitiantes (habitantes de Duque Estrada), os “bolicheiros” e a via férrea são hoje indispensáveis à sobrevivência da aldeia na medida em que empregam seus componentes, lhes vendem mercadorias e os transportam para outras áreas de trabalho.

E' em Duque Estrada que pretendemos estudar os efeitos sócio-culturais decorrentes do contacto contínuo e sistemático entre índios Terêna e civilizados. Nessa povoação esperamos entrevistar todos os componentes adultos e parte da população infantil, visando, entre outras coisas, registrar os estereótipos e as atitudes mais freqüentes em relação ao índio. Empregaremos outro tipo de questionário entre os índios de Cachoeirinha com o mesmo objetivo em relação aos civilizados. À base das entrevistas faremos a escolha de um número razoável de pessoas às quais serão aplicadas outras técnicas, como a H. V. ou a H. C.

### III — CONCLUSÃO

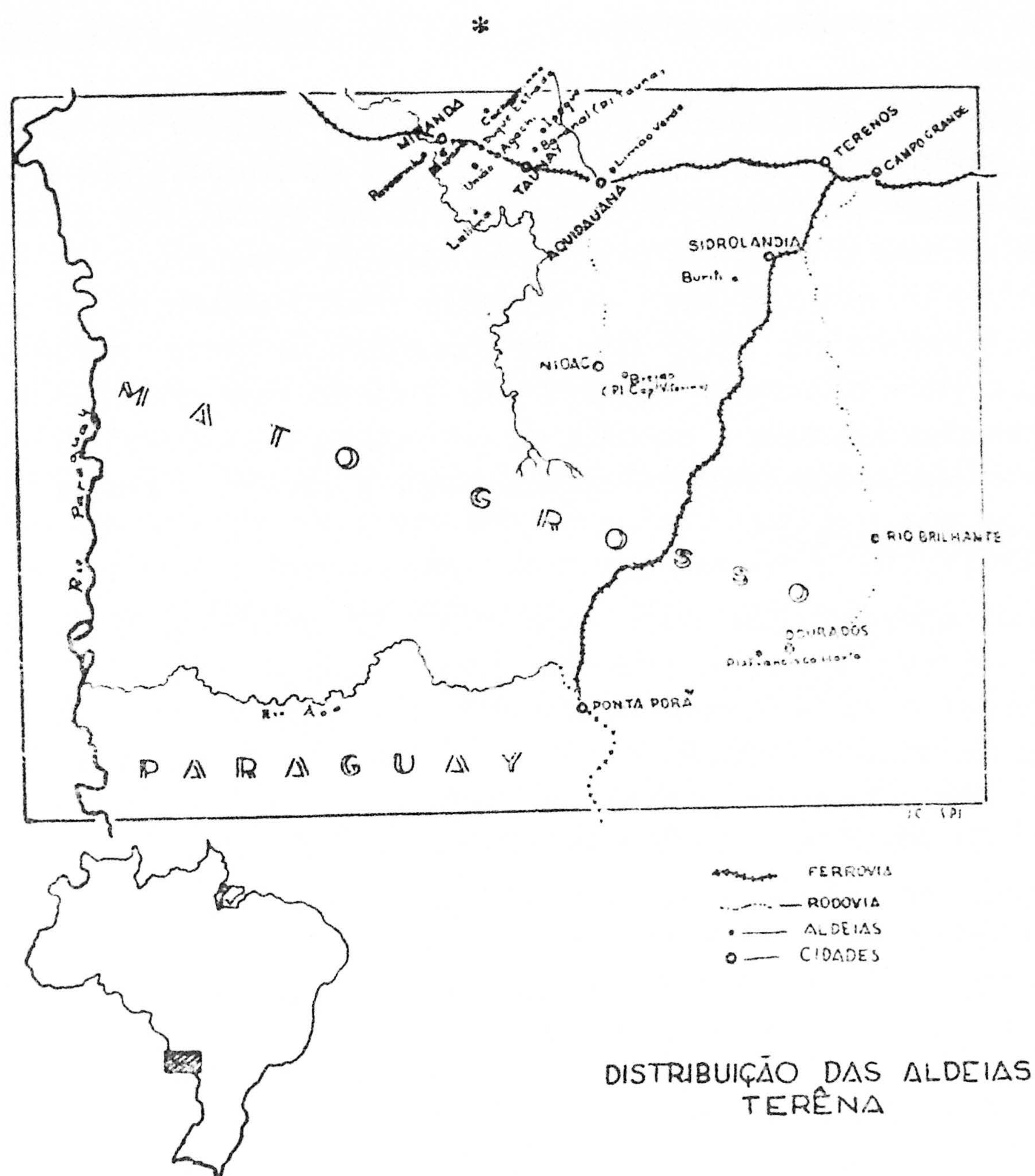
Serão apresentados dois relatórios. O primeiro, mais descritivo, constará de um levantamento da atual configuração indígena (Terêna) regional e da situação existencial dos grupos locais já visitados. Constará de uma introdução histórica, na qual tentaremos explicar a distribuição das comunidades Terêna numa área relativamente extensa, e da descrição sucinta e análise ecológica de cada aldeia.

O segundo relatório pretende chegar a conclusões sôbre o processo de assimilação ou os fenômenos sócio-culturais emergentes dêsse processo, apresentando os resultados da pesquisa em três partes. A primeira constará de uma análise histórica dos grupos Guaná quer em suas relações inter e intratribais, quer em seus contactos com o civilizado, representado, na época de sua imigração para o território brasileiro, principalmente pelo missionário. Descreveremos ainda a ocupação do sul de Mato Grosso pelos desbravadores brasileiros, tratando da formação da fronteira pastoril — que do Triângulo Mineiro desce para as terras do Brasil meridional —, da Guerra do Paraguai, dos efeitos dissociativos da fixação dos desmobilizados (que parece marcar a efetiva colonização da região) e, finalmente, da fundação do Serviço de Proteção aos Índios, no comêço do século, e da construção, posterior, da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.



Na segunda parte se caracterizará a comunidade de Cachoeirinha como amostra representativa da realidade Terêna, procurando compreender a sua configuração regional e a sua estrutura interna. Seguir-se-á a descrição analítica da cultura tribal, focalizada através do contacto interétnico. A superestrutura tribal, bem como sua base econômica e social, serão consideradas na medida em que permitirem melhor compreensão do processo focalizado.

Finalmente, na terceira parte, serão estudados os mecanismos de interação social, tanto os favoráveis à assimilação, como os contrários e que lhe servem de obstáculo.



#### NOTAS

(1) Em fins do século XVIII, Azara (1809, II: 87) registrava cerca de 3.000 Terêna e, em meados do século passado, Castelnau (1949: 302) e Taunay (1948: 267) assinalavam o mesmo número. Hoje as estimativas do Serviço de Proteção aos Índios dão como sendo de 3.800 indivíduos o total de Terêna adeados, sem contar as famílias dispersas nas colônias das fazendas da região e que continuam a se identificar como índios Terêna. Os Terêna, portanto, não conseguiram apenas manter relativa esta-



bilidade demográfica — o que já seria altamente auspicioso — mas chegaram (e tendem seguramente) a aumentar de número.

(2) Txané era provavelmente a auto-denominação dos grupos Aruák do Chaco. Como êsses grupos estavam divididos em dois ramos — um, ocupando o lado ocidental do Chaco e o outro, o oriental, — a literatura etnográfica passou a usar para êstes últimos o designativo Guaná, que teria sido dado pelos espanhóis que desbravaram a região do Paraguai. Assim escreve Métraux: “To distinguish these two *Chané* Branches, whose history and culture developed along different lines, the name *Chané* will be used for the western subtribes of the Paraguay Basin”. (1946, a: 238-239).

(3) Além dos Terêna, os Guaná abrangem os Layâna, os Kinikináu, os Ekoaladi ou Guaná (segundo alguns cronistas) e os “Niguegactemic”. Seguramente êstes últimos jamais chegaram à margem oriental do Rio Paraguai. (Cf. *Leverger*, 1862: 222; *Taunay*, 1931: 16; *Castelnau*, 1949: 308; *Alves Ferreira*, 1905: 79-80; *Azara*, 1809, II: 86-88).

(4) Pesquisa realizada sob os auspícios da UNESCO e da Secção de Estudos (Museu do Índio) do Serviço de Proteção aos Índios. O trabalho continua inédito com exceção de um capítulo, “Convívio e contaminação”, publicado na revista *Sociologia*, São Paulo, março de 1956.

(5) Ver nosso artigo “O Problema Indígena Brasileiro e o Serviço de Proteção aos Índios”, in *Revista Brasiliense*, n.º 9, janeiro-fevereiro de 1957, São Paulo, onde êsse tema é mais longamente tratado.

(6) O termo “civilizado” é empregado aqui com seu sentido regional: o próprio índio discrimina todo não-índio (com exceção do paraguaio, que parece ser tomado como uma terceira categoria étnica, paraguaio mesmo) com o qualificativo de *civilizado*; excusado dizer que êste termo é usado sem seu verdadeiro conteúdo; é o substituto, em nosso idioma, do “purutuya”, palavra Terêna cuja tradução literal é *português* e que designa genericamente todo alienígena, seja caboclo, branco ou negro.

(7) Cf. Herbert Baldus, 1937 (a) e (b); e 1950.

(8) Cf. Kalervo Oberg, 1948 e 1949.

(9) Cf. Fernando Altenfelder Silva, 1945 e 1949.

(10) Além dessas 11 aldeias, poderíamos apontar mais quatro comunidades total ou parcialmente habitadas por índios Terêna. Três delas, “São João”, “Betione” e “Alinane”, no Estado de Mato Grosso, e “Araribá” (P. I. Curt Nimuendajú) em São Paulo. A primeira, “São João”, dentro da reserva dos Kadiwéu, foi formada pela introdução de famílias Terêna num retiro à margem do Rio Aquidavão e próximo à Serra da Bodoquena, com o objetivo de garantir a posse daquelas terras graças ao povoamento; a segunda, “Betione”, no município de Miranda, é um núcleo populacional, remanescente do tempo em que os Kinikináu teriam recebido proteção direta de uma unidade do exército brasileiro, permanecendo hoje — pelo que me informaram — ocupado quase que exclusivamente por mestiços; a terceira, “Alinan” no Município de Aquidauana, é uma das muitas fazendas particulares que mantém em suas colônias famílias Terêna e que entra aqui apenas devido ao alto número de seus habitantes (encontramos referência a ela no Relatório da 5a. Inspeção Regional, de 1948, segundo o qual havia na época 100 indivíduos Terêna); finalmente, temos “Araribá”, habitada por grupos Guaraní, mas que recebeu algumas famílias Terêna incumbidas de adestrar os Guaraní, por seu exemplo, nas técnicas de lavoura que tão bem os Terêna desenvolvem. Não tivemos oportunidade de visitar essas aldeias.



## BIBLIOGRAFIA

*Fontes primárias*

AGUIRRE, D. JUAN FRANCISCO

1898 — “Etnografía del Chaco”, Boletín del Instituto Histórico Argentino, vol. 19, Buenos Aires.

ALINCOURT, LUIZ D'

1857 — “Reflexões sôbre o sistema de defesa que se deve adotar na fronteira do Paraguai, em consequência das revoltas e dos insultos praticados últimamente pela nação dos índios Guaicurus ou Cavaleiros; pelo sargento-mor engenheiro... Cuiabá, 1826”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. XX, Rio de Janeiro.

1881 — “Resultados dos trabalhos de indagação estatística da Província de Mato-Grosso” (conclusão). Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. VIII.

ALMEIDA SERRA, RICARDO FRANCO DE

1845 — “Parecer sôbre o aldeamento dos índios Uaicurus e Guanás com a descrição de seus usos, religião, estabilidade e costumes”. R.I.H.G.B., vol. VII, Rio de Janeiro.

1850 — “Continuação do parecer sôbre os índios Uaicurus e Guanás...”. R.I.H.G.B., vol. XIII, Rio de Janeiro.

ALTENFELDER SILVA, FERNANDO

1946 — “Terena Religion”. Acta Americana, n.º 4, vol. VI.

1949 — “Mudança Cultural dos Terena”. Revista do Museu Paulista, Nova Série, vol. III, São Paulo.

AZARA, FELIX DE

1809 — “Voyages dans l'Amérique Meridionale depuis 1781 jusqu'en 1801”, ed. Walkenaer, Paris.

1943 — “Descripción y Historia del Paraguay y del Rio de la Plata”, ed. Bajel, Buenos Aires.

BACH, J.

1916 — “Datos sobre los indios Terena de Miranda”. Anales de la Sociedad Científica Argentina, vol. LXXXII, Buenos Aires.

BALDUS, HERBERT

(a) 1937 — “A sucessão hereditária do chefe entre os Tereno”. Ensaios de Etnologia Brasileira, ed. Brasiliana, pp. 70-85, São Paulo.

(b) 1937 — “Tereno-Texte”. Anthropos, vol. XXXII, Viena.

1950 — “Lendas dos indios Tereno”. Revista do Museu Paulista, N. S., vol. IV, São Paulo.

BOGGIANI, GUIDO

1945 — Os Caduveo, tradução de Amadeu Amaral Júnior, com revisão, introdução e notas de *Herbert Baldus*; Prefácio e estudo histórico e etnográfico de *G. A. Colini*; Biblioteca Histórica Brasileira, XIV, Livraria Martins Editôra, São Paulo.

CABEZA DE VACA, D. ALVAR NUÑEZ

1837 — “Voyages, Relations et Mémoires originaux pour servir à l'Histoire de la découverte de l'Amérique”, publicado por H. Ternaux-Compans, (Valladolid 1955), ed. A. Bertrand, Paris.

1946 — “Naufragios y Comentarios”, segunda edición, Espasa-Calpe Argentina, S.-A., Buenos Aires.

CASTELNAU, FRANCIS DE

1850/51 — Expéditions dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, ed. P. Bertrand, vol. II, Paris.



- 1949 — Expedições às regiões centrais da América do Sul, Brasília-na, vol. 266A, Cia. Editôra Nacional, São Paulo (volume II).
- ELLIOT, JOÃO HENRIQUE  
 1870 — “Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. Barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o pôrto da Vila de Antonina e o Baixo-Paraguay na Província de Mato Grosso: feitas nos anos de 1844 a 1847 pelo ser-tanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes e descritas pelo Sr. João Henrique Elliot”. Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do I.H.G.B., vol. X (1848), segunda edição, Rio de Janeiro.
- EWERTON QUADROS, FRANCISCO RAYMUNDO  
 1892 — “Memória sôbre os trabalhos de observação efetuada pela segunda secção da comissão militar encarregada da linha telegráfrica de Uberaba a Cuiabá, de fevereiro a junho de 1889”. Revista Trimensal do I.H.G.B., vol. LV, Rio de Janeiro.
- FERREIRA, ALEXANDRE RODRIGUES  
 (Ms.) — 1791 — “Memória sôbre os gentios Guanaãs e Guaicurus”. Manuscrito pertencente ao Dr. A. J. de Melo Moraes e copiado no Rio de Janeiro, a 14 de abril de 1868, pelo Dr. J. A. A. de Carvalho, que o assina.
- FERREIRA, JOAQUIM ALVES  
 1905 — “Noticia sôbre os índios de Mato Grosso dada em ofício de 2 de dezembro de 1848 ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, pelo Diretor Geral dos Índios da então Província”. O Arquivo... de Mato Grosso, ano I, vol. II, Cuiabá.
- FLORENCE, HERCULES  
 1941 — Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas, de 1825 a 1829. Ed. Melhoramentos, São Paulo. Prefácio de Afonso de E. Taunay, datado de 1941; introdução de Ataliba Florence e (segundo) Prefácio do tradutor, Alfredo de E. Taunay.
- FONSECA, JOÃO SEVERIANO DA  
 1881 — Viagem ao Redor do Brasil. 1875-1878. II volume, Rio de Janeiro (407 pp., com ilustrações e mapas).
- HANKE, WANDA  
 1942 — “Cadivéns y Terenos”. Arquivos do Museu Paranaense, vol. II, Curitiba.
- HAY, ALEXANDER RATTRAY  
 1928 — “The Indians of South America and the Gospel”. New York.
- LEVERGER, AUGUSTO  
 1862 — “Roteiro da navegação do Rio Paraguai desde a foz do São Lourenço até o Paraná”. Revista Trimensal do I.H.G.B., XXV, Rio de Janeiro.  
 1905 — “Condições administrativas da Província de Mato Grosso apresentadas em relatório de 13 de janeiro de 1852 ao Ministro e Secretário do Estado dos Negócios do Império”. O Arquivo, Revista destinada à vulgarização de documentos geográficos e históricos do Estado de Mato Grosso, ano I, vol. III, Cuiabá.
- LOPES, JOAQUIM FRANCISCO  
 1872 — “Itinerário de Joaquim Francisco Lopes, encarregado de explorar a melhor via de comunicação entre a Província de São



Paulo e a de Mato Grosso pelo Baixo Paraguai". Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do I.H.G.B., vol. XIII (1850), segunda edição, Rio de Janeiro.

#### MISSÃO RONDON

1916 — "Apontamentos sôbre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915". Tipografia do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro.

1949 — "Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso, apresentado às autoridades do Ministério da Guerra pelo Major de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, como chefe da Comissão". Publicação n.º 69-70 do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Ministério da Agricultura, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

#### OBERG, KALERVO

1948 — "Terena Social Organization and Law". American Anthropologist, April-June, vol. L, n.º 2.

1949 — "The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil", Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication 9, Washington.

#### PESSOA, MARIA ALICE DE MOURA

1943 — "Tribos indígenas de Mato Grosso". Boletim Geográfico, ano I, n.º 9, Rio de Janeiro.

#### PRADO, FRANCISCO RODRIGUES DO

1839 — "História dos índios Cavaleiros ou da Nação Guaicuru", (1795). Revista do I.H.G.B., vol. I, Rio de Janeiro.

#### RIBEIRO, DARCY

1950 — "Religião e Mitologia Kadiuêú", Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Publicação n.º 106, anexo 5, Rio de Janeiro.

#### SÁNCHEZ LABRADOR, JOSÉ

1910 — "El Paraguay Catolico, com sus principales provincias convertidas a la Santa Fé y vassallage del Rey de España por la pridicacion de los misioneros celosos de la compania de Jesús, en gran parte arruinada por los mamelucos del Brasil y restabelecidas por los mismos misioneros, año de 1770", ed. Hermanos, 2 volumes (consultados), Buenos Aires.

#### SCHMIDEL, ULRICH

1837 — Voyages, Relations et Mémoires originaux pour servir à l'Histoire de la découverte de l'Amérique. Publiés pour la première fois en français, por H. Ternaux-Compans. Histoire véritable d'un voyage curieux, par... (Nuremberg, 1599), Paris, ed. A. Bertrand, Librairie de la Société de Géographie de Paris, 1837.

1944 — "Derrotero y Viaje a España y las Indias", traduzido por E. Wernicke, prólogo de E. de Gandia, Espasa-Calpe Argentina S. A., Buenos Aires.

#### SCHMIDT, MAX

1903 — "Guaná". Zeitschrift für Ethnologie, XXXV. Berlim.

#### TAUNAY, ALFREDO D'ESCRAIGNOLLE (VISCONDE DE TAUNAY)

1868 — Cenas de Viagem: Exploração entre os Rios Taquari e Aquidauana no Distrito de Miranda, Rio de Janeiro.



1923 — Campanha de Mato Grosso, São Paulo.

1931 — Entre os nossos índios, São Paulo.

1948 — Memórias do Visconde de Taunay, ed. Ipê, São Paulo.

WAEHNELDT, RODOLFO

1864 — “Exploração da Província de Mato Grosso”. Revista do I. H. G. B., vol. XXVII, Rio de Janeiro.

*Obras de caráter suplementar à pesquisa, referentes aos Terêna ou à região em que vivem*

ALMEIDA, MÁRIO MONTEIRO DE

1951 — Episódios Históricos da Formação Geográfica do Brasil. — Fixação das Raias com o Uruguai e o Paraguai, edição Pongetti, Rio de Janeiro.

AZEVEDO, FERNANDO DE

1950 — “Um trem corre para o Oeste — Estudo sôbre a Noroeste e o seu papel no sistema de viação nacional”, Livraria Martins Editôra, São Paulo.

COMINGUES, D. JUAN

1892 — “Exploraciones al Chaco del Norte. Diario de la segunda expedición realizada en Octubre e Noviembre del año 1879”. Obras Escogidas de Don Juan Comingues con su biografia por el D. Matias Alonso Criado, Buenos Aires.

CUNHA, EUCLIDES DA

1926 — “À margem da História”, Pôrto.

HARDEN, MARGARET

1946 — “Syllable Structure of Terena”. International Journal of American Linguistics, vol. XII, n.º 2.

KRICKEBERG, WALTER

1946 — “Etnología de América”, Fondo de Cultura Económica, México.

LOUKOTKA, CHESTMIR

1948 — “Línguas Indígenas do Brasil”. Revista do Arquivo Municipal, vol. LII, ano IV, São Paulo.

1949 — “Sur quelques langues inconnues de l'Amérique du Sud”, Lingua Posnaniensis, I, Poznan.

MANIZER, H. H.

1934 — “Música e instrumentos de música de algumas tribos do Brasil”. Revista Brasileira de Música, I, 4.º fascículo, Rio de Janeiro.

MARQUES, A.

1923 — Mato Grosso, seus recursos naturais, seu futuro econômico, Rio de Janeiro.

MÉTRAUX, ALFRED

1944 — “Estudios de Etnografía Chaquenha”. Anales del Instituto de Etnografía Americana. Universidad Nacional de Cuyo, vol. V. Mendoza.

(a) 1940 — “Ethnography of the Chaco”. Handbook of South American Indians, vol. I, pp. 197 ss., ed. Julian H. Steward, Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Washington.

(b) 1946 — “Twin Heroes in South American Mythology”. Journal of American Folklore, vol. LIX.

NERY, SANTANA

1889 — Le Brésil en 1889. Paris.



## NORDENSKIÖLD, ERLAND

1912 — “La vie des indiens dans le Chaco (Amérique du Sud)”. *Revue de Géographie*, tome VI, fasc. III. Paris.

## OLIVEIRA, JOÃO BATISTA DE

1905 — “Relatório do estado de catequese e civilização dos índios de Mato Grosso, apresentado ao Presidente da Província em data de 31 de dezembro de 1858”. *O Arquivo*, Revista destinada à vulgarização de documentos geográficos e históricos do Estado de Mato Grosso, ano I, vol. III, Cuiabá.

## PAULA, JOSE' MARIA DE

1945 — Terras dos Índios, Imprensa Nacional, Boletim I, Serviço de Proteção aos Índios, Ministério de Agricultura, Rio de Janeiro.

## PETRULLO, V. M.

1932 — “Primitive peoples of Mato Grosso, Brazil” — in *The Museum Journal*, XXIII, n.º 2, Philadelphia.

## PIMENTA BUENO, JOSE' ANTÔNIO

1840 — “Extrato do discurso do Presidente da Província de Mato Grosso, o Doutor José Antônio Pimenta Bueno, na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, no dia 1.º de março de 1837”. *Revista do I.H.G.B.*, II, Rio de Janeiro.

## PIRES DE CAMPOS, ANTÔNIO

1862 — “Breve notícia que dá o Capitão Antônio de Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas do Cuiabá e seu recôncavo etc.”. *Revista Trimensal do I. H. G. B.*, XXV. Rio de Janeiro.

## RIBEIRO, DARCY

1956 — “Convívio e Contaminação”. *Sociologia*, vol. XVIII, n.º 1, São Paulo.

Ms. — “A assimilação dos índios do Brasil” (Pesquisa realizada sob os auspícios da UNESCO).

## SODRE', NELSON WERNECK

1941 — *Oeste*, ensaio sôbre a grande propriedade pastoril, ed. José Olímpio, Rio de Janeiro.

## SCHADEN, EGON

1954 — Aspectos fundamentais da cultura Guaraní. *Boletim* n.º 188, série Antropologia, n.º 4, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

## SCHMIDT, MAX

1917 — *Die Aruaken. Ein Beitrag zum Problem der Kulturverbreitung. Studien zur Ethnologie und Soziologie*. Leipzig. (Tradução manuscrita existente no Museu Nacional).

## SCHMIDT, WILHELM

1942 — *Etnologia Sul-Americana. Círculos culturais e estratos culturais na América do Sul*. *Brasiliana*, vol. 218, série 5a., São Paulo.

## STEINEN, KARL VON DEN

1940 — *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Departamento de Cultura de São Paulo.

## WILLEMS, EMÍLIO

1947 — “Contribuição para o estudo antropométrico dos índios Tereno”. *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. I, São Paulo.